

Disciplina PCA 5043 - Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental - PROCAM

Justiça Climática, Cidades e Desigualdades Ambientais

Aluno: Caio Chung Micca

Artigo: Visibilizing Queer Resilience

Autora: Vanessa Raditz

Vanessa Raditz é uma geógrafa queer femme-fluide (alguém cujo gênero muda de tempos em tempos, mas sempre ou quase sempre para gêneros que considera femininos). Ela nasceu em Silver Spring, Maryland (EUA) e atualmente é doutoranda no Departamento de Geografia da Universidade da Geórgia (EUA), onde sua pesquisa se volta para a geografia cultural e movimentos queer de justiça climática. É co-fundadora do Projeto Queer Ecojustice, um coletivo de educação e mídia e dirigiu o primeiro longa do projeto intitulado “Incêndios e Inundações: resiliência queer na era das mudanças climáticas”.

Ideias centrais:

- A autora parte da produção do documentário “Incêndios e Inundações: resiliência queer na era das mudanças climáticas¹” e dos processos vividos antes, durante e após a gravação, edição e exibição de prévias do filme. No capítulo, ela vai analisar o potencial que a criação de um documentário colaborativo possui para facilitar uma práxis de justiça climática abordando a necessidade da visibilidade e da autodefinição em comunidades LGBTQ+².
- As filmagens começaram a partir da experiência da própria autora com o incêndio florestal Tubbs Fire, que ocorreu no norte da Califórnia em 2017 (um dos mais destrutivos da história do estado americano). As filmagens começaram com entrevistas com pessoas LGBTQ+ que vivenciaram tanto este incêndio quanto o quase simultâneo desastre causado pelo Furacão Maria em Porto Rico.
- A autora reflete de maneira interseccional o impacto de sua posição como uma ativista queer por justiça climática representando sua comunidade, ao mesmo tempo em que é uma pessoa anglófona branca colonizadora representando pessoas queer e trans racializadas negras e indígenas.

¹ No original: “Fire & Flood: Queer Resilience in the Era of Climate Change”.

² A autora utiliza essa sigla, diferentemente de como está sendo usada atualmente no Brasil (LGBTQIA+). Mantive no fichamento a forma como a autora se refere a tal população.

- Apesar de tudo, ela argumenta que um filme documentário colaborativo pode oferecer ferramentas para que pesquisadores de justiça climática – que são internos e externos às comunidades que estudam – possam prosseguir com práticas de justiça representativa para levantar epistemologias das linhas de frente enquanto mitigam o perigo de não representação das vanguardas.
- Para melhor trabalhar tais questões ela se volta para a problemática da representatividade nos movimentos de justiça climática. Desde como a pauta LGBTQ+ é colocada em último plano em manifestações pelo clima, até no trecho onde discorre sobre justiça representativa. Um dos pontos centrais na questão da representatividade se encontra na perspectiva de como grupos minoritários são retratados em casos de desastres. Vanessa cita Carolyn Finney que problematiza a predominância da representatividade de afro-americanos como vítimas ou vilões e as consequências que isso traz.
- Há ainda a questão da *homonormatividade* dentro do movimento LGBTQ+ onde há uma predominância da representatividade, sobretudo, rica, branca, cisgênero de gays e lésbicas. Tal normatividade acaba por colocar à sombra aquelas pessoas LGBTQ+ que são pobres, trans, camponeses, racializadas, entre outras fora deste *normal*. Neste sentido, é pautada a justiça representativa, pois a mesma trabalha dentro da esfera da disputa ideológica de combate às imagens controladoras da cultura dominante, para colocar no lugar delas a libertadora cultura baseada na auto representação.
- A autora cita uma fala de uma consultora indígena para o filme sobre a importância da representatividade para a população QTBIPOC³. Para a consultora, a questão da representação não está só no lugar de conseguir se *ver* nas mídias em geral como vítima, mas também está na reflexão de se *enxergar* como parte da solução para a crise climática. A partir dessa reflexão, Vanessa centra o filme mais na narrativa de resiliência do que na de vulnerabilidade.
- Para a autora, enquanto a vulnerabilidade da população LGBTQIA+ frente aos desastres ainda permaneça invisível, a visibilidade da resiliência rompe com a deturpação de “vítimas e vilões” empoderando uma representatividade enraizada em uma história de sobrevivência e triunfo frente à opressão.

³ Acrônimo em inglês para Pessoas Queer, Trans Racializadas Negras e Indígenas.

- Enquanto ela procurou trazer a luz sobre as histórias de pessoas QTBIPOC, ela tentou se remover do filme, como que ao invisibilizar a sua branquitude ela pudesse apagar o impacto de seu posicionamento.
- Justamente para questionar os seus posicionamentos, Vanessa se debruçou sobre os escritos reflexivos das metodologias feministas que ajudam a questionar sobre as negociações e interpretações de identidade dos pesquisadores ao realizar a curadoria de histórias de outras pessoas. O exemplo que ela utiliza é a descrição de Nikki Jones sobre seu processo de se adentrar nas semelhanças raciais e de gênero que ela encontrou com mulheres negras que ela estava estudando, simultaneamente com os privilégios de classe e educacionais que a separava delas. “Quem sou eu para contar estas histórias sobre garotas negras pobres? Que direitos eu tenho/tive de para representar suas vidas? Quais histórias eu devo contar e quais eu abandono?”
- A posição da autora é reiterada como o foco em mostrar a vulnerabilidade de pessoas LGBTQIA+ frente aos desastres e as diversas formas de assédio, encarceramento, feridas corporais, entre outros, contribui muito pouco para a luta pela liberdade se a análise é separada da historicidade destas violências. Para além de um catálogo de experiências LGBTQIA+, ela pretendeu usar o filme para dar visibilidade através da lente teórica da justiça climática queer às construções colonialistas de gênero e sexualidade que movem a economia extrativista e criam as vulnerabilidades sociais.
- Há um debate importante sobre as particularidades do que a autora chama de *queerness* (identidade queer) e de toda a questão da fluidez de gênero e a importância de se olhar por esta perspectiva para pensar em justiça climática.
- Há ainda o debate sobre ser uma pessoa interna e externa a comunidade a qual ela está falando. Ela é uma pessoa queer femme-fluide branca falando de pessoas queer e trans racializadas.

Metodologia e Teoria utilizada

A metodologia adotada para as filmagens – e conseqüentemente para as reflexões deste capítulo – é a auto etnografia. A justificativa é de que através dela é possível interromper estrategicamente a ilusão da objetividade, vista como chave para uma poderosa posição do narrador.

Conclusões

O ponto central do capítulo reside na questão da representatividade de populações que estão na linha de frente dos desastres climáticos, mas que ainda são marginalizadas no movimento por justiça climática. Há o questionamento de como pessoas em uma posição privilegiada podem atuar em prol destas populações sem silenciá-las ou inviabilizá-las. Para a autora, a criação colaborativa do documentário é uma maneira de realizar o processo de “estar ao lado” ao invés de “falar em nome de alguém”.

Citações

“Queer resilience is rooted in the ecological principle that diverse ecosystems are more resilient to disruption than are monocultural ones. Queer resilience valorizes the difference, renaturalizes it within the vast biocultural diversity of life on earth, and asserts that queer, trans, Two-Spirit, and other beings who question white supremacist, cisheteropatriarchal, monocultural ways of being are at the forefront or reinvigorating the creative solutions and alternative lifeways necessary in this time of disruption and collapse.” (p. 175)

“Who am I to tell these stories about QTBIPOC in climate disasters? I am a queer climate activist who lived through disaster, seeking to tell a story that resists heteronormative, hegemonic ways of telling disasters narratives. I am also a white Anglophone settler fumbling through relationships across linguistic, cultural, and racial differences. The stories I am able to tell and those I cannot are shaped by my embodiment, identity, experiences, and politica lens, an assemblage crafted through engaging in community organizing.” (p. 179)

“(...) another collaborator describes that she chooses to identity as a lesbian not because she feels strongly about her sexual identity but because she understands lesbianism as a rejection of the heteronormative relations that cause violence against women. She identifies her lesbian as a statement of unity with a movement imagining and building a less violent future.” (p. 174-175)